

COMUNICAÇÃO E PRÁXIS

O estudo da comunicação deve se calcar na radicalidade da diferença do homem e os demais seres vivos. Vimos que há um conceito de comunicação aplicável a todos os níveis de organização da vida (biótico, biossocial, psicossocial e sócio-cultural): comunicação é o processo de expressão e percepção de estímulos que adquirem sentido num sistema social. Ocorre que tanto esse processo de expressão e percepção como o sistema social humano são tão radicalmente superiores ao encontrável entre os demais seres vivos que a aplicação do conceito adquire novo sentido.

A comunicação humana é absolutamente singular na natureza. Os seres vivos apresentam reflexos, mais ou menos complexos - como já o descreveu Pavlov - às feições da realidade. Os animais tem uma relação imediata com a realidade. Os animais, mesmo os

superiores, só captam o fenômeno, só percebem a superfície dos processos e relações. E a atividade destes está condicionada por esta limitação. Só o ser humano é capaz de mediar sua relação social e suas relações com a natureza. Mediar é produzir instrumentos, é usar instrumentos na relação com a natureza e os outros homens.

A mediação através de instrumentos, entre os homens e a natureza e entre os próprios homens, é o pressuposto da mediação simbólica. Só o homem que media possui capacidade de comunicação. Há imensa diferença entre descobrir um uso para um objeto (como fazem os macacos, por exemplo) e produzir um objeto para uso. O que diferencia o homem, além da produção e do uso (o que pode ocorrer eventualmente entre certos animais superiores) é a reprodução do instrumento e do seu uso. É mais que isso, uma ampliação progressiva da capacidade de produzir e reproduzir instrumentos e novos usos.

Os seres vivos em geral se desenvolvem em si, adaptando (com mutações) sua constituição fisiológica à natureza. Só o homem utiliza mediações exteriores à sua própria biologia. A mediação é o fundamento da consecução de finalidades. Quando se media, se estabelece um fim. Propondo finalidades para seus atos, o homem instrumentaliza seu corpo e a matéria do meio ambiente. Com as finalidades e as mediações o homem não transformou apenas as feições da natureza, mas fundou sua própria natureza humana. E a natureza humana, expressa no conceito da práxis - que engloba a especificidade da "prática" (objetiva e subjetiva) humana em relação aos demais seres vivos - é a base da humanização da natureza. Evoluindo como "ser humano" e não apenas como "ser vivo" ou "ser biológico", o homem transforma cada vez mais a natureza em "sua" natureza, isto é, em natureza humana.

Na Gênese do fenômeno humano é que se percebe a ligação ontológica, absoluta, inteira, entre significado e produto e entre comunicação e trabalho. Na raiz de qualquer significado está o sentido, que é a finalidade inscrita nos produtos do homem. É no caráter social do trabalho, na sua natureza

coletiva, que se funda o dinamismo da comunicação humana. Organizando-se socialmente para o trabalho o homem gera a comunicação social. Produzindo e reproduzindo instrumentos e relações sociais o homem cria significados.

A praxis humana possui um "ciclo imaterial" que é o processo material da objetivação do homem na natureza, "expressando-se" em seus produtos e "percebendo" por seus sentidos. Essa dimensão físico-biológica da existência humana é prioritária. Mas é o "ciclo imaterial" da praxis, que existe entrelaçado com o anterior, que assegura a superioridade humana: a prioridade material não contradiz com a "natureza humana", ao contrário, é condição para a superioridade do "subjetivo". É nesse "ciclo imaterial" da praxis que se formulam as finalidades humanas, que se inscrevem as finalidades aos produtos e se "lêem" as finalidades já "escritas". É graças a esse "ciclo imaterial", que se superpõe ao "ciclo material", puramente físico e biológico, que a "subjetividade humana impõe ordem e sentido à objetividade material".

Através da história ocorre um processo de independização relativa da comunicação. Como a organização social se complexifica, certas mediações determinadas começam a ser desenvolvidas. A primeira forma cristalizada de mediação comunicativa é a linguagem articulada. Assim, esse aspecto persistente da praxis, que é a comunicação, começa a ter sua legalidade própria, passa a ser regida por leis específicas. A linguagem tem essa prioridade porque está na base do pensamento. Com a linguagem o pensamento se fixa, podendo se desenvolver ilimitadamente. A linguagem surge com o trabalho, como decorrência do caráter social do trabalho.

Com o tempo, os significados assumem a aparência de independentes, assim como os produtos tendem a adquirir aparente independência dos produtores. Os homens desenvolvem sua subjetividade e também o conhecimento cada vez mais preciso da realidade objetiva. Só a civilização contemporânea aparta o conhecimento objetivo (ciência) da experiência subjetiva. E até hoje, nas ciências humanas e sociais discute-se a legalidade da

natureza humana: onde começam e onde terminam as leis objetivas da natureza e qual é a liberdade humana ante essas leis? Onde começa e onde termina a determinação do homem sobre sua própria natureza?

Com o desenvolvimento dos meios técnicos de produção (de mediação) e das relações de produção, a comunicação passa a se cristalizar em práticas específicas, em mediações determinadas. Além do surgimento da linguagem, que se confunde com o próprio processo de hominização, essa independência das atividades de comunicação ocorre quando os processos interpessoais passam a ser insuficientes. Então a comunicação se individualiza como mediação específica. Quando a comunicação se diferencia instrumentalmente, ela "aparentemente" se desgruda da praxis e adquire aparente independência.

Mas é só com os meios técnicos desenvolvidos modernamente que a comunicação adquire radical independência. Isso ocorre com a possibilidade de multiplicação técnica das mensagens. Este é o momento mais elevado da especificidade da comunicação humana. O

mesmo ocorre, por exemplo, com a economia, que só passa a ser objeto de uma investigação particular quando se apresenta de modo autônomo na própria realidade (ver Kosik sobre isso).

A comunicação se torna mais concreta quando chega a ser comunicação de massa. Antes estava demasiado "grudada" na praxis para ser percebida. Só então a comunicação passa a ser tratada como objeto de preocupação, o que ocorre a partir do início deste século. De um modo geral, a abordagem científica da comunicação, desvincula comunicação da praxis, fixando-se nos aspectos fenomênicos. E é essa visão fixada e unilateral que deve ser superada.